

Maria José
Nogueira¹

Alberto Mesaque
Martins²

Virgínia Torres
Schall³

Celina Maria
Modena⁴

“Depois que você vira um pai...”: adolescentes diante da paternidade

“Once you become a father...”: adolescents facing fatherhood

> RESUMO

Objetivo: A adolescência é marcada pelo despertar do sujeito de um período de latência para um mundo repleto de novas e possíveis realidades, antes apenas idealizadas e fantasiadas. O período de transição para a adolescência pode sofrer influência dos eventos que ocorrem na vida familiar ou mesmo individual, como por exemplo a paternidade/maternidade. Nesse sentido, este estudo buscou compreender o processo da adolescência quando atravessado pelo fenômeno da paternidade. **Métodos:** Na perspectiva da pesquisa qualitativa, foram entrevistados 10 jovens que vivenciaram a paternidade na adolescência. **Resultados:** O discurso dos adolescentes apontou para a falta de planejamento da gestação, gerando grande ansiedade e medo quando descoberta. Os adolescentes relataram ainda insegurança para comunicar aos pais a notícia da paternidade. Apesar de se mostrarem angustiados, a notícia foi sendo reelaborada processualmente pelas famílias, que se mostraram como importantes redes de apoio e continentes para os adolescentes. **Conclusão:** A paternidade foi percebida como um divisor entre a infância e a maturidade, configurando-se como uma marca explícita para a vida adulta.

> PALAVRAS-CHAVE

Adolescente, relações familiares, paternidade.

> ABSTRACT

Objective: Adolescence is a time of awakening from a latency period to a world full of new and possible realities that were previously only idealized and fantasized. The transition period leading up to adolescence may be influenced by events in families or individual lives, including parenthood. This study attempts to understand the process of adolescence when affected by fatherhood. **Methods:** Through a qualitative research project, 10 teenage fathers were interviewed. **Results:** Their discourse indicated the absence of planning for pregnancy, causing much anxiety and fear when discovered, also reporting a lack of confidence when telling their parents about their impending fatherhood. Despite their evident distress, the news was reprocessed by their families, which proved to be important support networks for these adolescents. **Conclusion:** Fatherhood was perceived as a watershed between childhood and maturity, viewed as a hallmark of adult life.

> KEY WORDS

Adolescent, family relations, fatherhood.

¹ Socióloga, Doutora em Ciências da Saúde

² Graduando em Psicologia

³ Psicóloga, Doutora em Educação

⁴ Psicóloga, Pós-Doutora em Saúde Coletiva

Laboratório de Educação em Saúde e Ambiente (LAESA) – Centro de Pesquisa René Rachou – Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ-MG)

Maria José Nogueira (maria.nog@cpqrr.fiocruz.br) - Av Augusto de Lima, 1715 – sala 206 – Barro Preto – Belo Horizonte – MG – CEP: 30190-002
Recebido em 30/08/2010 - Aprovado em 20/12/2010

➤ INTRODUÇÃO

A adolescência não é apenas mais uma fase do desenvolvimento humano em que mudanças físicas e biológicas emergem. Trata-se, antes, de um processo em que o sujeito desperta de um período de latência e acorda para um mundo repleto de novas e possíveis realidades, anteriormente apenas idealizadas e fantasiadas. Assim, a adolescência não pode ser definida apenas como uma faixa etária que começa na puberdade e termina na vida adulta. Mais que isso, refere-se de um período de grande "turbulência", tendo em vista o encontro do sujeito com o real do sexo¹.

Ao debruçar-se sobre a temática do adolescente, Lacan² faz uso do texto de Wedekind, intitulado "O Despertar da Primavera". Na perspectiva lacaniana, a adolescência, metaforizada pelo despertar da primavera, é o despertar das fantasias, antes adormecidas, que "acordam" com todo o fulgor na puberdade. O adolescente "desperta" e verifica que o seu corpo infantil, outrora assexuado, está sendo substituído por um corpo que, cada vez mais, o conclama para o real do sexo e a reprodução, marcado pela menarca, para as meninas, e pela espermarca para os meninos.

Somado ao luto pelo corpo pueril, o adolescente passa ainda por um processo de luto pelo seu lugar e identidade infantil, obrigando-o a renunciar à dependência dos pais e assumir responsabilidades antes desconhecidas. Nesse sentido, o adolescente tem a difícil tarefa de adentrar o mundo dos adultos. Mas por esta entrada simbólica um preço há de ser pago. Adentrar o mundo adulto significa para o adolescente sacrificar sua condição de criança, com todos os seus benefícios, e lançar-se num mundo até então desconhecido, onde se está só, em busca da constituição de uma identidade, papéis e um lugar diante da sociedade³.

Rumar este caminho também requer que o adolescente se desprenda dos pais da infância, o que na maioria das vezes não é feito sem angústia ou sofrimento, já que há uma tarefa dos pais em também se desprenderem do filho

adolescente e permitir que este alce voo rumo à autonomia. Portanto, a família mostra-se como um elemento de grande importância no estudo do adolescente, seja na educação, clínica médica ou psicodinâmica³.

Apesar de complexo e muitas vezes conturbado, o período de transição para a adolescência pode sofrer ainda influência dos eventos que ocorrem na vida familiar ou mesmo individual. Dentre esses eventos, destacam-se aqui as contribuições do fenômeno da paternidade/maternidade na resignificação do adolescer⁴.

Por muitos anos, a gestação na adolescência vinha sendo tratada apenas na perspectiva da adolescente grávida, desconsiderando-se os sentimentos, expectativas e reações do adolescente frente ao fenômeno da paternidade. Entretanto, a partir do final do século XX e início do século XXI, percebeu-se um aumento do número de estudos e pesquisas que trazem em sua centralidade a perspectiva do pai adolescente e suas respectivas famílias⁵.

Nessa perspectiva, este estudo buscou compreender o processo da adolescência quando atravessado pelo fenômeno da paternidade.

MÉTODOS ◀

A pesquisa foi realizada na perspectiva da pesquisa qualitativa, entendida como um conjunto de práticas interpretativas que busca investigar os sentidos que os sujeitos atribuem aos fenômenos e ao conjunto de relações em que eles se inserem⁶.

Foram entrevistados adolescentes que vivenciaram a paternidade na adolescência selecionados através da técnica "bola de neve", que consiste na indicação do entrevistado de possíveis sujeitos que se enquadrem nos critérios para participação na pesquisa. Desse modo, ao final da entrevista solicitava-se ao adolescente que indicasse outros pais adolescentes para possível contato⁷. Deve-se considerar que os estudos acerca da paternidade, cujos sujeitos centrais são do gênero masculino, en-

contram limitações na localização dos participantes, resultantes de atividades trabalhistas e de estereótipos de gênero que inviabilizam a participação dos mesmos, justificando o uso da técnica "bola de neve".

As entrevistas foram alicerçadas nos seguintes eixos: reação do adolescente ao saber que seria pai, reação da família e mudanças percebidas após a paternidade. As mesmas foram gravadas e transcritas posteriormente, sendo analisadas a partir do método de análise de conteúdo proposto por Bardin⁸.

O número de participantes foi determinado a partir dos critérios de saturação e singularidade do discurso, segundo pressupostos descritos por Minayo⁹. Nessa perspectiva teórica e metodológica, o número adequado de entrevistas deve ser entendido como aquele capaz de refletir a totalidade do fenômeno em estudo nas suas diferentes dimensões. Nesse sentido, há uma suspensão da inclusão de novos participantes quando os dados obtidos passam a apresentar, na avaliação do pesquisador, uma certa redundância ou repetição¹⁰.

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Centro de Pesquisa René Rachou, conforme Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Os nomes dos adolescentes entrevistados foram substituídos por pseudônimos visando garantir o anonimato dos mesmos.

> RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os adolescentes entrevistados residem na Vila do Cafezal, que faz parte do Aglomerado da Serra na região Centro-Sul de Belo Horizonte – MG. A região foi escolhida tendo em vista o alto índice de gestações na adolescência associados a um alto Índice de Vulnerabilidade Social (IVS), conforme apontado em estudo de Nogueira (2009)¹¹.

Foram entrevistados 10 rapazes, pertencentes a famílias com renda inferior a três salários-mínimos e com idades entre 14 a 19 anos

que vivenciaram o fenômeno da paternidade na adolescência.

Os resultados serão discutidos nos seguintes núcleos temáticos: a gestação, os adolescentes frente à notícia da gestação, os familiares frente à notícia da gestação e mudanças após a paternidade.

A GESTAÇÃO

A notícia da gestação foi recebida como algo inesperado, demonstrando que em nenhum dos casos houve um planejamento. Ao deparar-se com a gestação, um dos jovens entrevistados utiliza a metáfora da porta para expressar esse momento tão significativo:

"A gravidez bateu na porta e pediu licença não. Entrou". (Maurício)

Assim, a gravidez é percebida como algo que adentra, invade "sem pedir licença" a sua subjetividade, questionando desejos, sonhos e afetos do jovem. Tal pensamento pode estar alicerçado em pelo menos dois aspectos: o primeiro ancora-se na vitimização do adolescente frente à paternidade. Nessa perspectiva, o jovem, sobretudo do gênero masculino, se percebe como uma vítima do processo, eximindo-se do seu papel e responsabilidades na concepção e paternagem da criança. Outro aspecto a ser considerado está atrelado ao sentimento de "despreparo" do adolescente para ocupar o lugar de pai, com suas implicações subjetivas e sociais. Este aspecto pode ser observado na seguinte fala:

"Ninguém estava preparado não. Foi de improviso". (Marcelo).

Na mesma direção, Bornholdt, Wagner e Staudt¹² apontam que, em todas as idades, ser pai exige do homem trilhar por caminhos ainda desconhecidos, ressignificar a experiência com o pai da infância e, ainda, exige que o sujeito reinvente e redefina seu lugar na família e na sociedade. Realizar esta tarefa em tempos de

mudanças como os da atualidade faz da transição para a paternidade um grande desafio para homens, em todas as idades, exigindo um posicionamento social, mas sobretudo subjetivo.

Percebeu-se ainda a dificuldade dos adolescentes em colocar os conteúdos aprendidos nas aulas e outros espaços de aprendizagem de temáticas voltadas à educação sexual. Apesar de terem conhecimento da importância do ato sexual para o processo de reprodução humana, os adolescentes abdicaram desse saber, justificando-se pela a idéia de que a gestação não ocorreria com eles.

"A gente tinha relações, a gente não prevenia e não esperava. Eu sabia que tava sujeito a riscos, mas aconteceu" (Maurício)

Esse discurso remete-nos aos resquícios de um pensamento infantil, que propicia ao adolescente a sensação de que é onipotente e invulnerável. A crença dos adolescentes na impossibilidade da gestação contribui para uma maior exposição a riscos de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e também a gestações não planejadas¹³.

"Nossa! Eu não pensava nisso aí não. Eu nem pensei que isso ia acontecer não!" (Mauro)

OS ADOLESCENTES FRENTE À NOTÍCIA DA GESTAÇÃO

A ausência de planejamento da gestação contribuiu para o surgimento de sentimentos de ansiedade, dúvida e medo por parte dos adolescentes, fazendo com que alguns dos entrevistados, ao serem informados da paternidade, utilizassem mecanismos, como a negação, a fim de enfrentar a situação inesperada. Entretanto, percebe-se que essa reação foi sendo modificada, processualmente, no decorrer da gestação. Resultados semelhantes foram apontados por Carvalho, Merighi e Jesus¹⁴ e ainda Luz e Berni⁵.

"Na verdade quando ela ficou grávida a gente não queria aceitar no começo. Ela estava grávida e a gente preferiu acreditar que não." (Maurício)

"Aí eu tipo zoei com a cara dela. Eu comecei a rir. Falei assim: 'que brincadeira sem graça, para com isso, você tá ficando doida!' Aí ela: 'Ah não, que eu acho que eu estou grávida mesmo!'. Aí que eu fiquei nervoso e comecei a rir da cara dela. Falei: 'não, isso é mentira, isso é lero-lero seu!'" (Mauro)

"Eu fiquei meio assim, eu fiquei meio em dúvida, eu fiquei com medo. Falei: como é que vai ser minha vida agora?" (Mateus)

O medo e ansiedade sentidos em relação à paternidade foram explicados tendo em vista o modelo do pai provedor muito presente em nossa sociedade. Nesta concepção que permeia os discursos do senso comum e até mesmo científico, ser pai é, sobretudo, ser o provedor, responsável financeiramente pelo filho, ficando os cuidados afetivos e morais a cargo das mães^{15,16}.

"Eu tinha medo porque eu não trabalho, eu tinha medo de não ter dinheiro pra comprar uma coisa, entendeu, medo de não conseguir criar ele, disso eu tinha medo" (Mateus).

"Eu sei que eu estou 'fudido'. Tenho que trabalhar pra caramba! Nem trabalhando eu estou. Onde que eu vou arrumar um serviço?" (Mauro).

"Foi normal, meio tenso, porque ia ser mais correria. Ia ter que correr mais atrás das coisas, aí eu fiquei meio tenso, mas foi normal. Só tenso mesmo, preocupado com a situação, com o que eu ia fazer depois que o menino nascesse" (Marcos).

"Preocupava com como eu ia fazer pra cuidar do menino se eu não estava trabalhando. Aí eu já arrumei um serviço. Agora tá tudo normal." (Michael).

OS FAMILIARES FRENTE À NOTÍCIA DA GESTAÇÃO

Receber a notícia da paternidade levou os adolescentes entrevistados a um outro conflito: revelar aos pais o que estava ocorrendo. Tal momento também foi marcado por grande angústia e ansiedade.

"Ela queria tirar, mas eu não quis deixar ela tirar. Eu estava com medo da mãe dela, porque a mãe dela xinga ela pra caramba" (Mateus)

"Foi só depois de 6 meses que ela contou, quando apareceu a barriga dela. Ficou com medo da mãe dela bater nela e não deixar ela morar na casa dela" (Michael)

Analisando a perspectiva de pais de adolescentes do gênero feminino grávidas, Silva e Tonete¹⁷ chamam a atenção para o choque dos familiares frente a notícia, desencadeando sentimentos de raiva, tristeza e culpa. Entretanto, assim como nos adolescentes, a notícia é ouvida, elaborada e ressignificada, passando a integrar o cotidiano das famílias, sobretudo após o nascimento do bebê.

"A mãe dela na hora falou que não ia ajudar nada, que ela não ia mover um dedo pelo menino. Mas agora tá lá conversando com ela, perguntando que dia o menino vai nascer, se o menino nasce logo. Tá lá agora do mesmo jeito que era antes" (Michael)

"Minha mãe ficou meio em dúvida. Achou que ela ficou grávida só pra me segurar. Aí depois começou a aceitar a gravidez. Depois que nasceu ela ficou feliz. Ela só fica com ele no braço!" (Mateus)

"Minha mãe me chamou e xingou pra caramba! Nós conversamos. Aí depois minha mãe foi na casa dela e conversou com a mãe dela. Depois ela foi lá e conversou com todo mundo. Aí ficou legal". (Mauro)

"Ah xingou, normalmente. Não gostou. Mas foi acostumando com a coisa até aceitar. (Marcelo)

O medo da reação dos pais, sobretudo da reação materna, parece estar relacionado com a associação da gestação adolescente a um erro cometido, que carece de ser pago, castigado e punido. Nesse sentido tanto os pais quanto os adolescentes acreditam ter havido uma falha, resultando numa gravidez indesejada ou não planejada. Por outro lado, Freitas e cols.¹⁸, apontam para as especificidades de gêneros ligadas a

esta vivência. Tratando-se de jovens do gênero masculino, a paternidade traz consigo um caráter de reafirmação da masculino, já que comprova diante de todos a ocorrência do ato sexual bem como atesta a capacidade do jovem em reproduzir a espécie. Já para as meninas restam a vergonha e a coerção social, que não valoriza o início de sua vida sexual e ainda a responsabiliza pela gestação, eximindo o jovem pai das responsabilidades e participação na reprodução.

Conforme apontado por Aberastury e Knobel³, o processo da adolescência não envolve apenas o adolescente. Os pais ou responsáveis vivenciam o adolescer juntamente com o jovem e ocupam um importante papel neste processo. Faz-se necessário que os pais permitam o rompimento dos laços com os adolescentes, viabilizando que estes rumem em direção dos seus sonhos, projetos e independência, que nem sempre estão em conformidade com os ideais dos pais. Soma-se, ainda, o fato da paternidade do filho adolescente ser a confirmação do início da vida sexual do adolescente, frequentemente negada pelos pais.

MUDANÇAS APÓS A PATERNIDADE

Os adolescentes relataram inúmeras mudanças após a notícia da paternidade, seja em sua trajetória pessoal quanto na sua posição diante da sociedade. O discurso dos mesmos aponta para a paternidade como um fenômeno que envolve ganhos e perdas.

Por um lado, apontaram para o aumento da responsabilidade e promoção da autonomia advindo da mudança de posição: de adolescente para pai. Da mesma forma, Hoga e Reberte¹⁹ apontam que a notícia da paternidade proporciona uma reflexão a respeito do novo papel a ser assumido. Nesse sentido, a fala dos adolescentes entrevistados aponta para o desejo de assumirem este novo lugar na sociedade bem como os papéis a ele atribuídos.

"Coloquei a cabeça no lugar, entendeu. Esse menino fez eu colocar a cabeça no lugar." (Mário)

"Eu cheirava, fumava maconha, cigarro, bebida, né, ficava só na rua, não ficava dentro de casa. Aí depois, eu fui e mudei bastante." (Magno)

"Ser pai agora, nesse momento pra mim é ter que ter muita responsabilidade, muita, muita." (Mateus)

De outro modo, em todas entrevistas percebe-se a reprodução de um discurso pejorativo, em que a paternidade na adolescência é vista como algo patogênico e as suas consequências como catalisadoras de inúmeras perdas, seja no nível biológico, psíquico ou social, não considerando a possibilidade do indivíduo, ainda que adolescente, exerça de maneira saudável a paternidade. Tal discurso parece estar associado ao modelo de pai presente na sociedade brasileira, onde o "pai de verdade" é aquele responsável pela provisão financeira e material do lar, cabendo à mãe os cuidados afetivos e a dimensão dos sentimentos¹⁸.

"Eu tinha mordomia, tinha tênis caro, que a minha mãe comprava pra mim. Roupa cara, tudo caro. Só que aí, ao invés dela comprar roupa pra mim, agora ela compra roupa pro meu menino. Eu que me vire." (Márcio)

"Ah, mudou que eu não posso sair, não posso fazer nada mais, poder eu posso, mas se eu for sair tenho que ir com ele." (Mateus)

"Ah, eu acho que eu não vou ter mais liberdade de fazer o que eu gostava de fazer, de ficar saindo tudo, agora tem um menino aí." (Michael)

O discurso dos adolescentes aponta ainda para a paternidade como um divisor entre a adolescência e a vida adulta, configurando-se como um rompimento no processo de adolescer. Para os entrevistados "ser pai" não condiz com "ser adolescente", implicando que estes tomem uma outra posição e postura diante do mundo. Hoga e Reberte¹⁹ apontam para o momento da paternidade adolescente como um instante de resignificação do projeto de vida e desencadeador de um rápido amadurecimento.

"Eu senti que era moleque. Só que aí pouco a pouco eu fui mudando. (...) Eu não me se

sentia pai. Eu sabia que ia ser pai, mas não, pra mim eu não ia ser pai. (...) É diferente. Não ficar do jeito que era mais... Ser pai agora é ser um adulto, não ser mais adolescente, já começar a ser adulto." (Magno)

"Já tá no tempo de criar responsabilidade e deixar de ser moleque mesmo. (...) Em algumas coisas me sinto adolescente. Eu algumas outras eu já tô chegando, já tô sentindo adulto." (Marlon)

"Se eu não tivesse (o filho)? Eu ia continuar, eu ia ser normal." (Mauro)

"Ah, muita responsabilidade porque antigamente eu não tinha responsabilidade, antes eu saía, 'zuava', fazia muita 'zueira', aprontava muito. Agora não, agora mudou, depois que você vira um pai tudo muda." (Mateus)

Todavia, deve-se considerar que o adolescente vive um momento de grande dúvida e de busca por um lugar no "mundo dos adultos". Ora se sente como adulto, dotado de saberes, deveres e responsabilidades, ora se sente e é tido pelos demais como uma criança que necessita ser cuidada e tutelada. A fala do adolescente abaixo ilustra esse momento de transição entre o corpo infantil e assexuado para um corpo adulto e preparado para a reprodução humana.

Pô! Eu engravidar uma menina? Isso não vai acontecer! Posso ficar tranquilo que isso não tem chance nenhuma de acontecer! Eu pensava assim... Não tem chance nenhuma de eu engravidar a menina não! (...) Era pra vir daqui uns anos! Eu nem estava esperando isso aí não! (Mauro)

CONCLUSÃO

O trabalho da adolescência se dá de maneira conflitiva e provoca grande ansiedade nos jovens. O encontro com o real do sexo, o deparar-se com novos lugares e responsabilidades fazem desta etapa da existência um grande desafio. Este desafio se potencializa numa sociedade em que os indivíduos idealizam o período da adolescência e a "eterna juventude" é cada vez mais desejada e

procurada, seja nas clínicas de estética, academias ou ainda no modo como esses "adultescentes" se comportam e relacionam. Como já apontado por Janin²⁰, os adolescentes encontram-se perdidos: ao mesmo tempo que são cobrados de romper a adolescência e se tornarem adultos, estão expostos a "adultos" que cada vez mais se identificam com o público adolescente.

A paternidade na adolescência, para os entrevistados, foi vivenciada como um divisor entre a vida infantil e a maturidade, configurando-se como um passaporte para a vida adulta. Mais

do que um fenômeno biológico, a paternidade convoca os adolescentes para ocuparem novos lugares, assumirem novos papéis e ressignifiquem seus projetos de vida.

Deve-se considerar o papel que a família ocupa nesse momento, se mostrando aos jovens como continente para um fenômeno tão inesperado. Ressalta-se o papel da família como rede social de apoio para que a gestação na adolescência seja vivida da forma mais saudável possível, facilitando a construção e o desempenho da paternagem e paternidade.

➤ REFERÊNCIAS

1. Quinet A. Prefácio. In: Alberti S. *Esse sujeito Adolescente*. Relume Editora. 1999.
2. Lacan J. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.
3. Aberastury A, Knobel M. *Adolescência normal*. Buenos Aires, Paidós, 1971.
4. Barreto ACM, Almeida IS, Ribeiro IB, Tavares KFA. Paternidade na Adolescência: tendências da produção científica. *Adolescência & Saúde*. 2010. Vol. 7 nº 2 - Abr/Mai/Jun, p. 54-59.
5. Luz AMH, Berni NIO. Processo da paternidade na adolescência. *Rev Bras Enferm*, 2010 jan-fev; 63(1): 43-50.
6. Deslandes SF, Gomes R. A pesquisa qualitativa em serviços de saúde: notas teóricas. In: Bosi MLM, Mercado FJ (orgs.). *Pesquisa qualitativa de serviços de saúde*. Petrópolis: Vozes; 2004. p. 99-120.
7. Lopes CS, Rodrigues L, Sichieri R. The lack of selection bias in a snowball sampled case-control study on drug abuse. *Int J Epidemiol* 1996; 25:1267-70.
8. Bardin L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Martins Fontes. 1976.
9. Minayo MCS. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2007.
10. Fontanella BJB, Ricas J, Turato ER. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cad. Saúde Pública*; 2008, 24(1):17-27.
11. Nogueira MJ, Silva BFA, Barcelos SM, Schall VT. Análise da distribuição espacial da gravidez adolescente no Município de Belo Horizonte - MG. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 2009, v. 12, p. 297-312.
12. Bornholdt EA, Wagner A, Staudtr ACP. A vivência da gravidez do primeiro filho à luz da perspectiva paterna. *Psic. Clin.*, 2007, vol.19, n.1, p.75-92.
13. Benincasa M, Rezende MM, Coniaric J. Sexo desprotegido e adolescência: fatores de risco e de proteção. *Psicol. Teor. Prat.*, dez. 2008, vol.10, no.2, p.121-134.
14. Carvalho GM, Merighi RN, Jesus MCP. The experience of repeated fatherhood during adolescence. *Midwifery*. 2008
15. Trindade ZA, Menandro MCS. Pais adolescentes: vivência e significação. *Estudos de Psicologia* 2002, 7(4), 15-23.
16. Sutter C, Bucher-Maluschke JSNF. Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina na paternidade participativa. *Psico*, 2008, 39(1), pp 74-82.
17. Silva L, Tonete VLP. A gravidez na adolescência sob a perspectiva dos familiares: compartilhando projetos de vida e cuidado. *Rev. Latino-am. Enfermagem*, 2006, março-abril, 14(2): 199-206.
18. Freitas WMF, Silva ATMC, Coelho EAC, Guedes RN, Lucena KDT, Costa APT. Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. *Rev Saúde Pública* 2009, 43(1): 85-90.
19. Hoga LAK, Reberte LM. Vivências da paternidade na adolescência em uma comunidade brasileira de baixa renda. *Rev Escola Enferm USP*, 2009, 43(1).
20. Janin B. Encrucijadas de los adolescentes de hoy. *Cuestiones infanc*; 2008, 12:17-31.